

## **“TODOS DIFERENTES, TODAS IGUAIS”**

*Análise das representações da figura feminina nas antologias de Português do terceiro ao quinto ano do Estado Novo e da sétima à nona classe da década de noventa, em vigor no espaço moçambicano.*

**Maria João Silvestre**

*Mestre em Literaturas e Culturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa*

*Universidade Nova de Lisboa-FCSH*

### **Resumo**

O corpus seleccionado constitui um campo privilegiado para a análise das representações da figura feminina, porque os projectos políticos de ambos os períodos fazem um forte investimento ideológico no papel da mulher na sociedade.

O primeiro período, em Moçambique, identificado com a postura colonial portuguesa em pleno regime salazarista, e o segundo, remetente para uma política de independência e de assunção da nacionalidade, historicamente assumidos como antitéticos, partilham a valorização da figura feminina, sobretudo pela especificidade biológica da mulher que determina a maternidade. Porque a mãe, nesta sociedade, em ambas as épocas, é a primeira agente educativa, há que dotá-la das perspectivas ideológicas necessárias à formação dos futuros cidadãos, de acordo com as linhas políticas vigentes. E os manuais escolares são um dos instrumentos mais eficazes nessa ideologização.

---

### **Abstract**

The present essay constitutes a synthesis of the analysis of texts in school handbooks which are some of the most effective instruments of ideological construction. They were in use in the Mozambique and allow us to elaborate on women's representations. The political ideals of both colonial and post-colonial periods make a strong ideological statement as far as women's roles in society and these texts show that commitment.

Such roles can be seen through clearly opposing perspectives, ranging from the different dimensions of motherhood to their political and ideological conditions. Education, starting in the family, was therefore always seen as priority due to women's responsibility in raising children according to chosen social values.

A problemática do feminino está na ordem do dia, levando, até, ao insólito: um conhecido criminalista<sup>1</sup> manifestava-se satisfeito com o aumento da criminalidade feminina pelo que traduzia quanto à participação das mulheres em funções decisórias. Contudo, há que reconhecermos que este estudo surgiu, essencialmente, de uma postura interrogativa perante o que nos é apresentado como inquestionável. E da consciência de quão perigosa é a aceitação de dados adquiridos na estruturação da(s) identidade(s) e na configuração das relações sociais de modo dualístico (social / individual, preto / branco, colonizador / colonizado, masculino / feminino).

Creemos que a irredutibilidade é incompatível com a complexidade do humano e, logo, redutora.

Assim, o objectivo primeiro deste trabalho é o de sugerir linhas de reflexão no sentido da desconstrução dos pressupostos dialécticos que orientam muitas das perspectivas em vigor sobre a África lusófona, sem deixarmos de lhes reconhecer a utilidade.

O feminino terá sido o pretexto encontrado para o confronto ideológico. Porque intuímos do interesse em aferir a distância e/ou a proximidade entre um projecto político, o do Estado Novo, que assume desbocadamente o lar como o habitat natural da mulher, e outro, o da actualidade moçambicana, empenhado na consolidação de um compromisso ideológico que visa a reabilitação da mulher na sociedade moçambicana.

Eventualmente, a nossa condição feminina terá ditado alguma coisa na escolha; bem como a consciência de que é urgente questionar os processos de transmissão dos valores de género, pois alimentam desequilíbrios nocivos a ambos os sexos.

O facto de o corpus de análise ser constituído por livros didácticos deve-se essencialmente, à instrumentalização de que os mesmos são alvo, como atestam os vários estudos feitos sobre o assunto, muitos deles a incidir sobre as representações da mulher.

## **1. A importância das antologias de Português do terceiro ao quinto ano do Estado Novo e da sétima à nona classe da década de noventa**

O *corpus* seleccionado para análise constitui um espaço privilegiado para o estudo das representações da figura feminina.

---

<sup>1</sup> Dr. Moita Flores, no Jornal 2, na RTP 2, no dia 19 de Junho de 2002.

Por um lado, o grande investimento ideológico do Estado Novo na figura feminina: a mulher queria-se no aconchego do lar, a tratar dos filhos e a obedecer ao homem, pela maternidade era concebida como “(...) coluna da família, base indispensável de uma obra de reconstrução moral (...) Deixemos, portanto, o homem a lutar com a vida no exterior, na rua... E a mulher a defendê-la, a trazê-la nos seus braços, no interior da casa”<sup>2</sup> por outro lado, a década de noventa, um espaço temporal ideologicamente herdeiro das directrizes independência, que apontavam para a emancipação da mulher como “(...) necessidade fundamental da Revolução, uma garantia da sua continuidade, uma condição do seu triunfo”<sup>3</sup>. Esta preocupação com a figura feminina justificava-se pelo facto de “(...) mais de metade do povo explorado e oprimido (ser) constituído por mulheres” e, novamente a maternidade, pela importância da mulher na formação das novas gerações: “(...) como poderemos assegurar a formação revolucionária das gerações de continuadores, se a mãe, primeira educadora, se encontra à margem do processo revolucionário?” (Idem, *ibidem*: 5-6). Contudo, a década de noventa caracteriza-se pelo acentuado abandono escolar feminino, com um consequente reforço da política educativa na promoção de investigações sobre o assunto e de projectos de apoio às estudantes.

O forte empenho ideológico nestes dois períodos é ainda denunciado na imposição de um livro único para cada disciplina.

No caso do Estado Novo, esta imposição só se alargou ao ensino liceal, aquele para que remetem as obras seleccionadas, após a reforma de 1947, de acordo com o artigo 390.º, do Decreto-Lei nº 36: 507; os artigos 391.º, 394.º e 414.º, determinam, respectivamente, que o livro único seleccionado seja válido por cinco anos, aprovado por parecer da 3.ª secção da Junta Nacional de Educação, publicado no *Diário do Governo*, e que não é lícita a orientação do ensino por outros livros. A obra escolhida para análise é a *Selecta Literária* de José Pereira Tavares<sup>4</sup>, constituída por dois volumes, a parte I (3.º ano) e a parte II (4.º e 5.º anos); foi aprovada oficialmente como livro único, para todos os liceus portugueses, pelo Ministério da Educação Nacional no *Diário do Governo*, II Série, de 9 de Outubro de 1953.

---

<sup>2</sup> António Ferro, *Salazar – o homem e a sua obra*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1933, p.133.

<sup>3</sup> Samora Machel, *Fazer da escola uma base para o povo tomar o poder*, Edições da FRELIMO, 1974, p. 5.

<sup>4</sup> José Pereira Tavares (org.), *Selecta literária parte I (3.º ano)*, Lisboa, Sá da Costa, 1956. José Pereira Tavares, *Selecta literária parte II (4.º e 5.º anos)*, Porto, Livraria Simões Lopes, 1956.

O cruzamento dos dados resultantes da análise destes manuais fará incidir alguma luz sobre pontos de afastamento e de contacto nas representações da mulher em contextos políticos assumidos como antagónicos; simultaneamente, permitir-nos-á verificar a evolução das perspectivas sobre o feminino num espaço lusófono e dos objectivos ideológicos dirigidos à mesma faixa etária.

A disciplina de Português reveste-se de particular importância na formação, pelas propriedades da literatura, objecto primordial desta disciplina, que aqui surge como espaço-reflexo de representações, mas também com um evidente papel de indução à construção da representação da identidade. O recurso a textos literários, predominantes na estrutura das antologias escolares de Português, na sua maioria com características de histórias, possibilita a integração do aspecto afectivo no cognitivo.<sup>5</sup>

O facto de a faixa etária para a qual apontam estas sequências de antologias coincidir com a adolescência é pertinente na concepção do manual escolar como veículo de doutrinação:

“Na adolescência a aprendizagem social vai ser difícil, e a formação da personalidade toma o aspecto de uma verdadeira conquista. A escolha de uma profissão, a perspectiva de fundar um lar, a atitude em relação aos pais, tudo toma aspecto de preocupante problema aos olhos do adolescente. (...) Da solução encontrada depende o êxito a afirmação do Eu, numa adaptação satisfatória ao meio”<sup>6</sup>

A adolescência é a etapa da vida humana associada ao conflito e ao questionamento, à procura da própria identidade e de valores genuínos. É a fase da responsabilização e da definição das directrizes existenciais.<sup>7</sup>

No cerne desta questão surgem as representações da figura feminina nos manuais escolares referidos, que esboçam a perfil da mulher que se pretende formar. Ressalvemos que este perfil pretendido em termos educativos pode não ser concretizado, pois as representações formam comportamentos, mas também são reformuladas pelos mesmos e há uma infinidade de variantes, neste caso concreto, que

---

<sup>5</sup> Kieran Egan, *O uso da narrativa como técnica de ensino*, Lisboa: D.Quixote, 1994, p.50.

<sup>6</sup> Camilo Cardoso, *Curso de formação psicopedagógica*, vol. 1, Lisboa, Ratio Persona, s/d, p.94.

<sup>7</sup> Ernst Bornemann,, “ A formação da personalidade”, in Hildegard Hetzer (ed.), *Psicologia pedagógica*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, pp. 153-169, p.164.

podem condicionar a eficácia dos projectos ideológicos materializados nestes manuais. Algumas dessas variantes são, e.g., a oposição entre a uniformização para a qual apontam os sistemas educativos em causa e a heterogeneidade cultural do meio moçambicano; a disparidade de representações da escola na sociedade moçambicana; as dificuldades materiais, afectivas e mesmo físicas (a insuficiente rede escolar, as grandes distâncias a percorrer para a escola, por ex., em 1966 em Moçambique existiam quatro liceus - Lourenço Marques, Quelimane, Beira e Nampula) que sempre se colocaram como entrave à eficácia das políticas educativas.

## **2. As representações da figura feminina no *corpus* seleccionado**

### **2.1. Sequência de antologias do Estado Novo**

A nível gráfico e estrutural, a parte I (3.º ano) e a parte II (4.º e 5.º anos) da *Selecta Literária* seleccionada não apresentam grandes diferenças, facto justificado por serem dois volumes da mesma obra.

Relativamente à presença de personagens/figuras femininas, nota-se um decréscimo da ordem dos 29% na selecta para os 4.º e 5.º anos, contudo esta contém textos de autoria feminina (4%) e a do 3.º ano não.

Quanto às representações, no conjunto, predominam as figuras maternas. As mães estão, sobretudo, associadas ao sofrimento, causado pela ausência, morte ou dor do filho, pela pobreza ou pelo infortúnio próprios.

Esta figura reveste-se de características positivas, relacionadas com a afectividade: ternura, protecção, orgulho nos filhos (homens); é frequentemente associada à religiosidade e à santidade.

Na relação com as filhas, os exemplos que surgem são principalmente negativos: a mãe violenta que maltrata a filha ou a mãe autoritária que quer impor a sua vontade.

Há figuras que se revestem dos atributos da maternidade e que são valorizadas como mães: a avó (parte I), a rainha protectora (parte II), a ama (parte II) e a irmã (parte II).

A representação desta última surge mais vezes na selecta dos 4.º e 5.º anos; tem características valoradas positivamente, a generosidade, a religiosidade, a protecção, muitas delas partilhadas com a figura materna.

A filha está mais representada na selecta do 3.º ano; surge ora vitimizada pelo desamparo e protecção, ora vaidosa, dissimulada e arrogante, mas também fonte de felicidade paterna e objecto de amor paterno. Insiste-se na associação edipiana dos filhos à mãe, das filhas ao pai e na exploração dos conflitos entre mãe e filha.

Quanto a faixas etárias expressas, temos a jovem e a velha. A primeira, vaidosa e ostensiva; a segunda, associada à religiosidade, à tradição e ao carinho.

As ocupações referidas como femininas são os labores: tecer, bordar, fiar; a criada de servir aparece nos dois volumes da selecta, conotada com a bisbilhotice, a tagarelice e a inveja. As mulheres rústicas estão representadas também nos dois volumes e associadas à simplicidade e religiosidade.

As mulheres que fazem trabalhos que exigem força (aldeãs e varinas) são masculinizadas na caracterização física.

As mulheres poderosas, tanto na selecta para o 3.º ano, como na destinada aos 4.º e 5.º anos, são identificadas como causa de discórdia, descontentamento e divisão familiar. As figuras históricas que correspondem a esta divisão são Leonor Teles e Inês de Castro.

De resto, se os homens ilustres da história portuguesa abundam, como é ilustrativo de um regime nacionalista, as mulheres históricas escasseiam. Além das já referidas, a outra personalidade que surge é D. Leonor Sepúlveda que, como Inês de Castro, se reveste de múltiplas representações: além da maternidade e da vitimização, são as companheiras expostas ao perigo e à morte pelo cargo de poder que o homem amado, esposo ou não, detém.

Há duas representações que são exploradas essencialmente na selecta destinada aos 4.º e 5.º anos: da mulher amada e da intelectual.

A mulher amada, esposa, companheira ou somente cortejada, é a representação mais significativa percentualmente no 2.º volume da obra em análise. Surge sofredora, vitimizada pelo homem que ama (ausente, irresponsável ou alvo de traições que a atingem por arrasto); impõe-se, sobretudo, a mulher tipicamente petrarquista, bela, plena de qualidades, inatingível, à qual o homem se submete, pela qual sofre e vive desconcertado.

Outra faceta da figura da mulher amada é a sua omnipresença na memória masculina após a morte, revestindo-se assim de uma espiritualidade que, em alguns textos, a eleva a guia orientadora da vida masculina.

Note-se que, quanto a características físicas, impera a beleza. O tom de cabelo mais referido é o louro, o comprimento privilegiado é o longo.

É recorrente a associação da beleza à falta de qualidades morais ou à perdição masculina.

A relação dos esposos pauta-se pela submissão, resignação e espírito de sacrifício femininos; frequentemente a mulher não é dissociada do lar, várias vezes simbolizado no fogo, e dos filhos.

A mulher intelectual surge sempre associada aos estudos e práticas literárias; apesar da escassa presença de autoras femininas neste 2.º volume (só duas), elogia-se a qualidade do trabalho literário feminino; mas só estão representados textos líricos, reforçando a associação da intelectualidade feminina à emotividade.

A mulher estrangeira surge nas duas partes da selecta: não cristã (moura, judia), supersticiosa (indiana), esquisita (inglesa) e exótica; o exotismo está associado à pele mais escura (“morena”, parte I, pp. 111-113; “preta”, parte II, pp. 295-298).

## **2.2. Sequência de antologias da década de noventa <sup>8</sup>**

Verifica-se que a presença de personagens femininas nos textos é crescente: a antologia da nona classe é aquela em que as personagens femininas são mais recorrentes nos textos e a da sétima é na qual surgem menos.

Quanto aos textos de autoria feminina, constata-se que o manual da oitava classe é o que contém mais (7,5%) e o da nona é o que menos divulga textos de mulheres.

Nenhuma das antologias apresenta texto dramático de autoria feminina e, na globalidade, predomina a presença de texto lírico, o que contribui para, quanto à formação de representações, associar a figura feminina à expressão de sentimentos. A autora moçambicana com maior representatividade é Noémia de Sousa, o que se explica

---

<sup>8</sup> *Português-7ª classe*, República Popular de Moçambique, 1989.

*Português-8.ª classe*, INDE-RPM, 1990.

*Português-9.ª classe*, INDE-RPM, 1991.

facilmente, tendo em conta que valores como a moçambicanidade e a fraternidade, característicos da sua obra, coincidem com a linha ideológica do projecto político moçambicano. Contudo, é nítido que a presença de textos de autoria feminina, moçambicana ou não, é reduzida, nestas antologias.

O manual da 9.º classe tem a maior percentagem de ilustrações com imagens femininas e o da oitava é o que menos tem.

Na antologia da 7.ª classe, entre as poucas personagens femininas, destacam-se as mães e as professoras. A figura materna surge associada à dor e ao amor. A professora, apesar de representar a intelectualidade feminina, também pode ser entendida como uma extensão da representação da mãe, pela sua acção educativa.

No manual do 8.º ano, predominam as representações da companheira: a primeira figura que surge está associada à intelectualidade, é a esposa de um homem ilustre da história moçambicana, Eduardo Mondlane; outro texto que remete para a viúva de Samora Machel reforça esta representação.

Insiste-se na dona de casa, híbrida mãe e esposa, com dificuldades para adquirir alimentos. Surge a esposa submissa, mas é enfatizada a relação feliz de amor e companheirismo entre homem e mulher, cidadã interveniente e solidária.

Relacionada com a insistência na cidadania feminina, surge a representação da mulher trabalhadora e activa: a modista (distráida), a contabilista (ex-militar), a professora (troçada); aparecem, ainda, cantoras e bailarinas tradicionais, a marcar o lugar da mulher moçambicana na divulgação da cultura do seu país.

Na antologia do 9.º ano, destacam-se as figuras maternas, logo seguidas da representação da amada/companheira.

As mães são sobretudo sobreviventes, num sentido abrangente, determinadas a garantir a subsistência da família, mesmo através de actividades ilegais; são também sofredoras, pelo parto, pela morte do filho ou do marido e pelas condições de pobreza. Afirmam-se como figuras importantes, pilares de força, de protecção e conforto na família, e amadas pelos filhos. Também são aludidos conflitos na relação com as filhas.

A representação da mulher-companheira remete especialmente para a esposa que enfrenta várias adversidades (a oposição da mãe ao marido, as dificuldades económicas, a ausência e a morte do marido), ora determinada ora conformada. Está presente a



esposa submissa, a vítima de preconceitos sociais (responsabilizada por o casal não ter filhos), mas também a mulher infiel, causa de perdição do marido.

A valorização do casamento evidencia-se ainda nas personagens das jovens que aspiram a casar.

As prostitutas, companheiras marginais, sobretudo dos contratados, também são referidas: associadas à artificialidade, à cidade, mas também à solidariedade.

Quanto às actividades profissionais/ remuneradas, são: empregada de firma, agricultora, bailarina, quitandeira, comerciante de bebidas ilegais, enfermeira e prostituta.

### **3. Articulação dos dados relativos às duas sequências**

Comparando os dados relativos à selecta de Português do terceiro ano, edição de 1956, aprovada oficialmente como livro único em 1953, para todo o território português da época, com a informação resultante da análise da antologia moçambicana da mesma disciplina, em vigor como livro único, na década de noventa, para a sétima classe, nível equivalente àquele, em Moçambique, constatámos que a antologia moçambicana utiliza ilustrações para os textos, no total de 34% de imagens de figuras femininas, e a portuguesa não; ambas não são coloridas; a cor é reservada só para a capa da moçambicana; quanto ao formato, a portuguesa é um A5 e a moçambicana, aproximadamente, A4.

A primeira tem 191 páginas, 66 textos, alguns de várias páginas, e 36 unidades didácticas; a segunda tem 103 páginas, 98 textos curtos e 7 unidades didácticas; é comum a ausência de questionários de orientação de leitura ou de outro tipo, vulgares nos actuais manuais portugueses da mesma disciplina.

A selecta portuguesa não tem textos de autoria feminina; a moçambicana tem 7,1% de textos escritos por mulheres; quanto à inclusão de personagens/figuras femininas, verifica-se que na selecta portuguesa predominam, com 71%; na moçambicana restringem-se aos 15,3%, que, mesmo somados aos 34% de imagens de figuras femininas, 49,3%, ficam aquém nas alusões à mulher.

A antologia moçambicana sugere mais representações da mulher associadas à intelectualidade (professora, poetisa, locutora) do que a portuguesa, limitada (a uma filha com quem é agradável comunicar ideias).

Ambas incluem representações de velhas associadas à ancestralidade e à tradição; dá-se algum destaque a actividades tradicionais (selecta portuguesa - fiar, tecer, dobar; antologia moçambicana- artesanato, dança), bem como a sugestão de que deve ser exercido um papel pedagógico sobre a figura feminina.

Insiste-se na figura materna, sobretudo associada ao sofrimento, enfaticamente na selecta portuguesa.

Nesta última salienta-se, ainda, a religiosidade da mulher; a configuração do ser feminino como resignado e submisso ao masculino, que lhe dá sustento, protecção, poder em virtude do seu, e pode chegar mesmo a decidir da sua vida; a resignação feminina também surge na antologia moçambicana, mas sem a ênfase da portuguesa.

Na selecta portuguesa, privilegia-se a associação da mulher à aparência física e a provinciana é mais referida que a cidadina; na antologia moçambicana, mantém-se a associação da mulher à beleza física, privilegiando-se os visuais tradicionais.

Como especificidades, o manual português aponta ainda para representações de estrangeiras, associadas à beleza exótica, à superstição e à estranheza, e o moçambicano veicula, sobretudo nas ilustrações, dois tipos de representações não contempladas naquele: a da mulher activa, em harmonia, feliz, e a da mulher masculinizada, a guerrilheira.

Articulando os dados relativos à selecta de Português destinada aos 4.º e 5.º anos, aprovada em 1953, com os das antologias moçambicanas da 8.ª e da 9.ª classes, equivalentes nos níveis de ensino, verificámos que se mantêm as diferenças apontadas para o nível anterior, relativamente à exclusão de questionários, às ilustrações, ao formato, à cor, salientando-se somente o recurso ao verde, por vezes, no manual da 9.ª classe.

O formato da antologia da 8.ª classe é semelhante ao da portuguesa (A5) e o da 9.ª classe é A4.

Como já foi referido, a antologia portuguesa dirige-se ao 4.º e ao 5.º anos, sendo a continuação da selecta do 3.º ano; as moçambicanas correspondem a uma unidade independente para cada uma das classes.

A selecta portuguesa tem 327 páginas, 163 textos, 5 unidades didácticas, organizadas numa base cronológica; a da 8.<sup>a</sup> classe tem 190 páginas, 93 textos e não é organizada por unidades didácticas; a da 9.<sup>a</sup> classe tem 160 páginas, 120 textos, 12 unidades didácticas, organizadas em torno de uma obra, *Xicandarinha na lenha do mundo*, de Calane da Silva.

Esta obra tem ainda 4% de textos de autoria feminina; a antologia moçambicana para a 8.<sup>a</sup> classe tem mais, 7,5%, e a da 9.<sup>a</sup> classe tem menos, 2,5%.

Quanto à presença de textos com personagens/figuras femininas, o manual português tem maior percentagem (42%) do que os manuais moçambicanos (8.<sup>a</sup> classe - 34,4%; 9.<sup>a</sup> classe - 40%).

Para facilitar a comparação destas obras, unificámos os dados dos dois manuais moçambicanos e ignorámos as ilustrações, no sentido de uma maior aproximação ao manual português (um só volume para dois níveis, sem ilustrações).

Assim, a selecta portuguesa continua a ser a que contém mais textos com personagens/figuras femininas, 42%, contra 37,5% (da soma dos textos das antologias moçambicanas); estas últimas apresentariam, então, 4,6% de textos de autoria feminina, percentagem próxima dos 4% da selecta portuguesa.

Tanto na selecta portuguesa como nas antologias moçambicanas predominam as representações da mãe e da companheira.

A selecta portuguesa, apesar de focar a figura materna, privilegia a representação da mulher amada, nas suas várias concretizações; a antologia moçambicana da 8.<sup>a</sup> classe também, e a da 9.<sup>a</sup> enfatiza a representação da mãe, sem deixar de realçar a da companheira.

Traços comuns nestas antologias são a submissão e o sofrimento das esposas, bem como a dor e o enaltecimento das mães. Como principais traços distintivos temos a idealização e espiritualização da mulher amada, na selecta portuguesa, a par do realce dado à sensualidade feminina nas antologias moçambicanas.

Na relação afectiva entre homem e mulher, a submissão feminina é um aspecto comum, mas, na antologia portuguesa, destaca-se a submissão masculina à mulher amada (contudo sempre em situação de distância afectiva ou física); na moçambicana, difere o privilégio dado ao companheirismo e à harmonia do casal.

A antologia portuguesa valoriza a beleza petrarquista e a moçambicana distingue a beleza africana.

As figuras maternas da selecta portuguesa são sobretudo homenageadas pelo carinho, conforto e protecção que garantem aos filhos, bem como pelo sofrimento causado pela ausência ou pelo destino do filho.

As antologias moçambicanas insistem nestas características, contudo acentuam a faceta da mãe que garante a subsistência da família.

Especificamente, a selecta portuguesa dá algum destaque à figura da mulher de letras, poetisa ou profunda conhecedora da vertente literária, e as antologias moçambicanas à mulher activa e com trabalho remunerado.

No corpus analisado, nenhuma das categorias identificadas (personagens / figuras femininas; autoria feminina e ilustrações de figuras femininas) está, em termos de presença, em equilíbrio com as referentes à figura masculina, sempre em vantagem numérica, à excepção da selecta portuguesa dirigida ao 3.º ano, na qual existe uma elevada percentagem de textos com figuras femininas, apesar de não haver textos de autoria feminina.

Quatro dezenas de anos e uma viragem política de muitos graus em sentido contrário não foram suficientes para marcar uma alteração efectiva nas representações do feminino no espaço moçambicano.

Acresce que, percentualmente, as selectas do Estado Novo têm a mulher mais presente nos seus textos do que as da década de noventa.

Em termos qualitativos, parece estarmos perante um determinismo biológico que, pela maternidade, remete a mulher definitivamente para o lar e prolonga o cordão umbilical, que a une aos filhos, pela vida fora. As grandes inquietações femininas parecem gerar-se em torno da sua prole, especialmente da masculina.

Isso explicará a associação da velha à tradição, um processo educativo das gerações mais novas.

Até as actividades remuneradas, um sinal dos tempos e das características da economia moçambicana, são, quase sempre, extensão do saber doméstico, da competência materna: cuidados de saúde, educação, comércio alimentar, costura.

Contraditoriamente, a responsabilidade educativa da mulher condiciona o seu processo individual de crescimento intelectual. Daí, por um lado, que as letras,

supostamente mais recreativas, mais propensas a um autodidactismo, sejam o caminho sugerido para voos mais altos; por outro lado, nota-se também alguns incentivos a posturas pedagógicas do masculino para com o feminino.

**A relação com o masculino institui-se maioritariamente numa base dialéctica de poder, implicando um servidor e um servido, uma vítima e um opressor.**

Apesar de haver, no entanto, algumas nuances de diferença no sentido da harmonia afectiva, nas antologias da década de noventa, nota-se que, tendencialmente, é a figura feminina que se submete, acata e resigna.

Dá uma exclusão dos círculos decisórios, do poder instituído: ou por ausência de referências ou pela carga negativa atribuída às mulheres poderosas (traição, divisão familiar). Não será por acaso que, nas selectas portuguesas, a figura feminina mais poderosa é a Virgem Santíssima, cujo poder lhe foi conferido pela maternidade; e é um poder de intercessão junto de Deus, entidade masculina.

Creemos que as representações do género, particularmente do feminino, serão das mais persistentes, tendem a perdurar pelos tempos, exercendo coacção sobre perspectivas inovadoras. O corpus analisado comprova-o, não só pelos aspectos recorrentes na visão da mulher, mas sobretudo pela remissão aos textos judaico-cristãos.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> A título ilustrativo, cf. *Génesis*, 3, 14-16: « Deus [...] à mulher disse: “Vou fazer com que sofras os incómodos da gravidez e terás que dar à luz com muitas dores. Apesar disso sentirás forte atracção pelo teu marido, mas ele há-de mandar em ti. “ »